

SOCIOLOGIA URBANA ENTRE O MODERNO E O ANTIGO: PRESERVAÇÃO DE PATRIMONIOS EDIFICADOS SOB UM OLHAR APAIXONADO DA TERCEIRA IDADE

URBAN SOCIOLOGY BETWEEN THE MODERN AND THE ANCIENT: PRESERVATION OF BUILT-UP HERITAGE ABOVE A PASSIONATE VIEW OF THE THIRD AGE

Rita de Cássia da Silva Oliveira¹Simone Aparecida Almeida²**Resumo**

O objetivo deste artigo é realizar uma descrição sobre uma oficina pedagógica realizada para participantes da Terceira Idade que frequentaram e frequentam a Universidade Aberta para Terceira Idade da Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR nos períodos que compreende 2012 a 2015. A descrição do presente relato está relacionada à memória sobre a cidade e sua transformação ao longo do tempo. O tema abordado foi Patrimônio histórico edificado relacionado à legislação de defesa da cultura e da preservação dos referenciais da identidade coletiva urbana. Durante a oficina apresentamos material midiático sobre as transformações de alguns patrimônios, a preservação ou destruição dos mesmos. Observamos que as narrativas dos (as) participantes do programa são muito ricas, e os (as) mesmos (as) ansiavam por dar voz as suas memórias, o que me levou a pesquisar sobre este tema. A memória surge como um instrumento eficaz para fazer história, fazer ciência, colocar indivíduos em contato com sua vida passada. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam que vivenciaram algo em uma sociedade que se transforma. A história oral como método de construção de memórias se faz necessário como recurso de pesquisa.

Palavras-chave: Sociologia urbana, Patrimônio histórico cultural, Memória da terceira idade.

Abstract

The goal of this article is to accomplish a description about a pedagogical course to the Third Age that attended and attends the Open University for Third Age of Universidade Estadual de Ponta Grossa-PR from 2012 to 2015. The description of this task is related to the memory about the city and its change over time. The theme was Build-up Historical Heritage related to the protection laws of culture and preservation of urban references of collective identity. During the course we presented media materials about the changes of some heritages, its preservation or destruction. We noticed that the narratives of participants were so rich and they wanted to show their memories and this situation made me to search this theme. The memory arises like an effective instrument to make History, Science, to put people in contact with their past. The memory, in the old age, is a construction of people aged that worked in the society that changes itself. The oral history like a construction method is necessary like search feature.

Keywords: Urban Sociology, Historical Cultural Heritage, Third Age Memory.

¹ Pós-doutorado pela Universidade de Santiago de Compostela (2011). Professora da Pós-Graduação em Educação – Mestrado e Doutorado e do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Ponta Grossa. Coordenadora da Universidade Aberta para a Terceira Idade da Universidade Estadual de Ponta Grossa- PR. E-mail: soliveira13@uol.com.br

² Doutoranda em Educação. E-mail: simoal29@yahoo.com.br

INTRODUÇÃO

O Programa UATI – UEPG foi criada em 1992 com objetivo de trabalhar a educação permanente. Já em 1994 foi criada a Universidade Continuada para Terceira Idade (UCTI) com o objetivo de acolher os idosos que participaram da UATI.

O objetivo desse programa é integrar a pessoa idosa na comunidade acadêmica, valorizando seus saberes e sua importância na sociedade como elemento de afirmação de identidade e memória e como forma de enriquecimento e valorização da vida.

A velhice não impede que os sujeitos, nessa fase elaborem projetos de vida na terceira idade e que exponham com maior determinação suas vontades, libertando-os de valores tradicionais que lhes foi cobrado durante boa parte de sua vida. A concepção de envelhecimento, de reclusão em seu ambiente familiar está mudando, agora a terceira idade está inserida em espaços de educação permanente no qual eles têm a liberdade de exporem suas lembranças e de sentirem-se valorizados.

Ao trabalharmos com a história dos sujeitos, como narrativas, ficam evidentes as lembranças individuais entrelaçadas às memórias coletivas, e como parte da memória histórica que as contextualiza.

A memória surge como um instrumento eficaz para fazer história, fazer ciência, colocar indivíduos em contato com sua vida passada. A memória, na velhice, é uma construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam que vivenciaram algo em uma sociedade em constante transformação.

A memória deve ser estudada no processo de sua construção pelos sujeitos sociais. O trabalho de entendê-las é uma interpretação da produção do conhecimento trazida pela narrativa das lembranças.

Walter Benjamin e Ecléa Bosi mostram que na raiz do significado da memória está a ideia do conselho. A memória construída por indivíduos seria, assim, o conselho fundamentado na experiência de vida.

Para Bosi (1994), a pessoa mais jovem ainda está absorvida nas lutas e contradições de um presente que a solicita muito mais intensamente do que a de uma pessoa de idade. Considera-se a memória de pessoas ou de grupos como referências históricas. São os próprios ciclos da vida que a tornam dinâmica e atuante, possibilitando a relação do passado com o presente. É a história viva e vivida que se renova através dos tempos.

Assim a presente discussão teórica tem como objetivo descrever a contribuição de alguns autores que embasam a temática história, memória, na perspectiva da Sociologia Urbana.

O intuito deste artigo é fazer uma discussão sobre a possibilidade de se trabalhar com textos, imagens e vídeos com diferentes segmentos da educação. Nesse sentido selecionamos como recorte a temática Sociologia Urbana e sua relação com as transformações sociais, políticas, econômicas, históricas, culturais mostrando que as cidades tem passado.

Podemos destacar, nesse artigo, que a Sociologia Urbana recebe as contribuições da Escola de Chicago para auxiliar nas discussões da relação entre o indivíduo e a sociedade. Sendo assim, ela contribui com o estudo no sentido de oferecer sentido para a pesquisa dos fenômenos sociais urbanos. Dessa forma surge a preocupação da utilização de novas abordagens com novos objetos de análise.

A Sociologia Urbana constitui-se a partir de uma preocupação contemporânea para se tentar entender a cosmologia urbana o lugar de interações de conflitos de reivindicações, angústia, solidariedade. A reflexão referente a Sociologia enquanto ciência, e seu direcionamento para a Sociologia Urbana nos faz indagarmos: Como a mesma aborda a complexidade e a diversidade de uma metrópole?

Nesse sentido selecionamos alguns textos para dar embasamento teórico à proposta de trabalho relacionando Sociologia Urbana e preservação de patrimônios históricos numa perspectiva de conciliar o moderno com o antigo.

Bosi (1994), *Memória e Sociedade: lembranças de velhos* é uma literatura rica contribuindo com os estudos sobre a memória e, em especial, a memória dos idosos. É importante salientar a contribuição dos relatos dos idosos, geralmente dada com prazer por eles. Diz um dos entrevistados de Ecléa (p. 107): “Veja, hoje a minha voz está mais forte do que ontem, já não me canso a todo instante. Parece que estou rejuvenescendo enquanto recordo”.

As pessoas mais velhas, que seriam, em princípio, as depoentes buscadas pelos pesquisadores, frequentemente não têm quem atribua importância à sua fala ou pelo menos, quem as escute. Por isso, a atenção e o interesse do pesquisador são por elas valorizados e, em contrapartida, a investigação enriquece.

Esta proposta de trabalhar com o Patrimônio histórico cultural edificado torna-se muito interessante quando os depoentes por meio da memória conseguem voltar ao passado e descrever fatos ocorridos em suas vidas naquele espaço, e de como o espaço urbano sofre modificações ao longo da história.

SOCIOLOGIA URBANA: A CIDADE EM TRANSFORMAÇÃO/PRESERVAÇÃO

O texto de Tonucci (2013) sobre “Henri Lefebvre e a atualidade urgente do direito a cidade”, faz uma discussão de como Lefebvre entende a cidade e o processo de transformação da mesma sob um viés marxista com método dialético. Lefebvre apresenta a cidade em um livro intitulado de *Le droit à la ville* (1968).

Em sua obra Lefebvre (2001), se interessa de início ao estudo das cidades a partir da modernização da cidade de Monreix nos Pirineus franceses. Ele faz uma crítica a organização espacial de separação entre os sujeitos no espaço urbano o qual perdeu a característica de encontro da diversidade. As cidades tendem a fechar-se em si mesmas isolando cada vez mais seus moradores. O desenvolvimento muitas vezes padroniza a vida urbana impedindo que seus habitantes tenham seu próprio estilo de vida. Os aglomerados, as ruas, também tem sua história sua identidade.

Em contrapartida a dinâmica da cidade, podemos considerar que toda cidade é feita de recordações, como poeticamente exprimiu Calvino (1990):

A cidade se embebe como uma esponja dessa onda que reflui das recordações e se dilata (...) mas a cidade não conta o seu passado, ela o contém como as linhas da mão, escrito nos ângulos das ruas, nas grades das janelas, nos corrimãos das escadas, nas antenas dos para-raios, nos mastros das bandeiras, cada segmento riscado por arranhões, serradelas, entalhes, esfoladuras³.

Calvino destaca que a cidade é viva quando conta com a memória de seus moradores com a nostalgia e com a saudade. Conforme as cidades acumulam memórias em camadas, estas acumuladas constituem um perfil único, surgindo assim lugares de memória, como aquele local, bairro, chafariz, praça, etc. em que a comunidade reflete momentos significativos do seu passado, com enorme valor afetivo.

Magnani (1996) menciona sobre a contribuição da Antropologia para o estudo das cidades.

Mas o que importa ao olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, nesse e em outros domínios das práticas culturais, e sim a busca do significado de tais comportamentos: são experiências humanas - de sociabilidade, de trabalho, de entretenimento, de religiosidade - e que só aparecem como exóticas, estranhas ou até mesmo perigosas quando seu significado é desconhecido⁴.

³ CALVINO, I. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p. 15.

⁴ MAGNANI, 1996 José Guilherme C. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole** In: Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996, p. 03.

Magnani (1996) ainda reafirma que o papel da antropologia deverá ser o de oferecer subsídios para a pesquisa das diferenças culturais no âmbito das cidades. O referido autor toma como estudo etnográfico a cidade de São Paulo com suas particularidades, suas tribos urbanas e seus espaços de lazer. A Antropologia deixou a perspectiva evolucionista e passou a adotar a pesquisa de campo elaborando assim novos paradigmas e abrindo novas áreas de investigação.

O olhar antropológico não é apenas o reconhecimento e registro da diversidade cultural, mas o significado das práticas culturais, das experiências humanas que em alguns casos é vista como exótica aos olhos de alguns.

Para o estudo de lugares da metrópole e o lazer presente nesses espaços o autor trabalha com categorias as quais descreve na análise de sua pesquisa. “Recortar um objeto ou tema de pesquisa na cidade não implica cortar os vínculos que mantém com as demais dimensões da dinâmica urbana em especial e da modernidade, em geral”. (MAGNANI, p. 25).

O autor destaca que para fazer etnografia no contexto da cidade deve-se partir das particularidades para o geral comparando semelhanças, diferenças, conflitos, entre outros. A multiplicidade dos padrões culturais de São Paulo e o modo de vida não se apresentam na totalidade e não são visíveis de imediato, pois requerem recortes para análise. Para evitar a fragmentação da pesquisa deve-se articulá-la em torno de algum eixo temático dialogando, dessa forma, com os resultados.

Outro texto utilizado como referência para as discussões direcionadas à temática da Sociologia Urbana é do autor Carlos Fortuna “Para mudar o futuro da cidade”. No transcorrer do texto destaca-se que a cidade é construída dia a dia “o espaço e o tempo são relações tensas em continua evolução” (FORTUNA, 2013, 01). A cidade alicerçada no cimento, a cidade das contradições, das lutas, da expressividade, de encontro social, um espaço da diferença. Essa dinâmica presente nas cidades está a todo dia se transformando, seja, pela modernização ou pelas manifestações simbólicas que apresentam forças sociais mais amplas.

Silva, (2008) em seu artigo “Espaço urbano e governabilidade: notas sobre a cidade e a metrópole”, traz contribuições para discussão em sala de aula sobre a Sociologia urbana. A cidade se mostra produtiva e competitiva, reflexo da globalização e das tecnologias. Muitas cidades ficam a margem da globalização nesse processo desenvolvimentista.

Dessa maneira surge os grandes centros urbanos o conceito de Planejamento estratégico, que visa o desenvolvimento interno das cidades com base em investimentos do capital internacional “ter à

sua disposição um contingente favorável de força de trabalho disponível, qualificada e barata”. (SILVA, p. 03).

Sendo assim a abordagem realizada refere-se a apresentação do conceito de modernização das cidades em referência ao crescimento que muitas vezes se dá de maneira desordenada. Esse avanço das cidades, principalmente em centros urbanos, acaba destruindo prédios históricos que têm um significado uma referência uma identidade para a população. Porém em muitos casos a população desconhece a importância dos patrimônios históricos locais e acaba depredando-os de muitas maneiras.

A temática trabalhada pretendeu contribuir com a conscientização sobre a necessidade de preservação e conservação dos prédios históricos, como uma ação cidadã. Por exemplo, presença de prédios pichados caracteriza-se pela falta de urbanismo de pessoas que desconhecem a história da cidade.

Destaca-se que no espaço urbano a relação entre a modernização e a preservação podem caminhar juntas. As cidades revitalizadas podem manter suas características antigas e os grupos que a ocupam podem ver nos patrimônios uma forma de dialogar de se reconhecer enquanto sujeito de transformação.

Lefebvre (2001) defende que o direito à cidade não se torna um direito em visitar apenas centros de cidades históricas ou do saudosismo da cidade como era, mas sim um direito a viver e conviver em uma área urbana transformada. Justificando essa temática entre o moderno e o urbano utiliza-se a fala de Tonucci (2013):

Cidade voltada à apropriação, através sobretudo da arte, que reconstitui o sentido da obra e da fruição. Em oposição à cidade eterna e aos centros estáveis, a cidade efêmera, as centralidades móveis. A criação de novos lugares qualificados, lugares de simultaneidade e de encontro, onde a troca não esteja subordinada ao comércio e ao lucro⁵.

A contribuição teórica de Lefebvre fortalece o entendimento de que a vida cotidiana na sociedade moderna é resultado de um processo de transformação das cidades. As cidades são representações materiais de uma história, de sujeitos que interagem que se comunicam e que transformam-nas.

Dessa forma as sociedades transformam os espaços não somente no aspecto social mas em outros planos de representação, sendo assim o espaço é um conjunto de diferenças de pluralidade de conflitos de mudanças.

⁵ TONUCCI, João. **Henri Lefebvre e a atualidade urgente do Direito à Cidade**. Disponível em <http://olhorua.wordpress.com>. Acesso em 20/03/2015, p. 03.

OS CONCEITOS ABORDADOS

Todas as sociedades industriais modernas são fortemente urbanizadas e expandiram-se em função do aumento populacional, acrescido da migração de pessoas de fora, vindas de fazendas, vilarejos e pequenas cidades.

O desenvolvimento das cidades modernas teve um impacto enorme não apenas sobre os hábitos e os modos de comportamento, como também nos padrões de pensamento e de sensibilidade.

Com o inchamento das cidades muitas pessoas ficaram horrorizadas ao perceberem que as desigualdades e a pobreza urbana pareciam intensificar-se na mesma proporção. A extensão da pobreza urbana parecia intensificar-se na mesma proporção. A diferença entre os bairros da cidade esteve entre os principais fatores que motivaram as primeiras análises sociológicas da vida urbana.

Diversos autores ligados à Universidade de Chicago entre as décadas de 1920 e 1940, especialmente Robert Park, Ernest Burges e Louis Wirth, desenvolveram ideias que, por muitos anos, foram a base principal da teoria e da pesquisa na sociologia urbana. Dois conceitos desenvolvidos pela “Escola de Chicago” merecem uma atenção especial. Um deles é chamado de “abordagem ecológica” na análise urbana; o outro, a característica do urbanismo como “modo de vida”⁶.

A Escola de Chicago acreditava que seria possível empregar princípios semelhantes para interpretar o posicionamento dos principais povoados urbanos e a distribuição dos diferentes tipos de bairros. As cidades não crescem ao acaso, elas surgem como uma resposta a aspectos vantajosos do ambiente.

A Ideia de práxis trazida pela Escola de Chicago refere-se aos trabalhos de Park a que defendia que a cidade poderia ser um grande laboratório social. A prática de pesquisa realizada por Park seguia o interacionismo simbólico fazendo levantamentos sobre a posição particular dos indivíduos e dos grupos na sociedade. Os estudos de Blumer (1975) constituem-se como referencial da práxis privilegiando a subjetividade nas pesquisas sociológicas valorizando assim a interpretação que os sujeitos sociais fazem dos símbolos da realidade.

Fortuna (2013) quando apresenta seu artigo “para mudar o futuro da cidade” define democracidade, como aquele espaço que estamos buscando construir uma cidade digna, bem planejada com igualdade e com alma. Uma cidade de interação e integração entre os sujeitos.

⁶ GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005, p. 457

Encontramos em Silva (2009) uma discussão sobre as cidades e as formas de governo. O autor define a cidade como espaço da produtividade e da competitividade. A presença da troca de mercadorias e da informação está presente nos espaços urbanos.

Um dos pontos comuns descritos por muitos sociólogos, geógrafos e historiadores situa a globalização como o marco inicial mais provável, causa das principais mudanças nas cidades e regiões metropolitanas, tornando-as, assim, espaços urbanos competitivos em um cenário econômico e político globalizado.⁷

A globalização traz o desenvolvimento estreita fronteiras tecnológicas, mas também exclui. No Brasil é nítida a desigualdade entre as grandes cidades e as pequenas que estão alheias à globalização.

As cidades mudaram ao longo do tempo. Esse fato é resultado do processo acelerado da globalização que fez com que seus moradores mudassem sua forma de pensar e de agir, influenciados pelo consumismo. A lógica midiática está a serviço do capitalismo moldando o pensamento das pessoas para novos produtos que surgem a cada segundo.

Apresentamos aqui a definição de habitat e habitar descrita pelo filósofo marxista Lefebvre (2001) e analisada por Tonucci (2013). Lefebvre faz uma crítica ao socialismo de estado como sendo antidemocrático e critica a industrialização como causadora da segregação imposta a vários grupos. A falta de emprego ou profissionalização faz com que os trabalhadores saiam dos centros urbanos e migrem para as periferias. Dessa maneira o habitat caracterizado simplesmente pela moradia fica submetido ao cotidiano alienado. O habitat é substituído pelo habitar (viver plenamente a cidade).

O direito à cidade aponta para o fim das segregações, a reconquista da cidade pelas classes e grupos minoritários dela excluídos. A práxis urbana anunciada vai na direção da reunião daquilo que se acha disperso, dissociado e separado, na direção da simultaneidade e do encontro⁸.

O direito constituído de uma cidade planejada sem segregações deverá ser buscado pela população democraticamente. Davis (2006) em “planeta favela” resenhado por Corrêa (2013) caracteriza a cidade como um aglomerado com infraestrutura de saneamento, água, escolas, postos de saúde pública e qualidade de vida. Essas caracterizações se diferenciam então área urbana da área rural. O êxodo rural contribui com o inchaço ocupacional das cidades refletindo na constituição de favelas reproduzindo a pobreza urbana.

⁷ SILVA, Angelo Magalhães. **Espaço urbano e governabilidade**: notas sobre a cidade e a metrópole. UFRN, Revista Vivência, n. 34, 2009, p. 02.

⁸ TONUCCI, João. **Henri Lefebvre e a atualidade urgente do Direito à Cidade**. Disponível em <http://olhorua.wordpress.com>. Acesso em 20/03/2015, p. 02.

As contribuições de Magnani (1984) quando discute o lazer nos bairros o autor destaca que toda cidade tem sua dinâmica e cada bairro tem sua história e sua diversidade cultural. O entretenimento nos bairros converge-se nas relações do tempo livre entre o trabalho e o final de semana, e essas representações estão presentes em cada grupo com características próprias. O trabalho tem relação direta com o lazer ou seja o momento do tempo livre.

Neste sentido cabe destacar o significado de trabalho para Magnani (1984):

Em primeiro lugar, é considerado irrelevante, enquanto tema de pesquisa: há coisas mais 'sérias' como o trabalho, a política. Aliás, nem mesmo existe: no caso específico dos trabalhadores, há quem constate que o tempo livre é basicamente utilizado para complementar os magros orçamentos domésticos; quando existe, ressurte-se da falta de espaço, equipamentos, ou então está irremediavelmente contaminado pelos mas media, não passando, portanto, de válvula de escape e alienação.⁹

Dessa forma o tempo livre apresentado pelas pesquisas de Magnani aparece sobre diversas maneiras diferenciando o lazer do bairro do lazer das organizações de entretenimento e do turismo.

E o que se viu foi um amplo e variado espectro de usos do tempo livre nos finais de semana dos bairros de periferia: circos, bailes, festas de batizado, aniversário e casamento, torneios de futebol de várzea, quermesses, comemorações e rituais religiosos (católicos e dos cultos afro-brasileiros), excursões de "farofeiros", passeios, etc. São, evidentemente, modalidades simples e tradicionais, que não têm o brilho e a sofisticação das últimas novidades da indústria do lazer, nem apresentam conotações políticas ou de classe explícitas, mas estão profundamente vinculadas ao modo de vida e tradições dessa população.¹⁰

As contribuições de Magnani nos fazem refletir sobre o papel do lazer para as diversas classes sociais, destacando o que seria o tempo livre na casa e o que seria o tempo livre em atividades externas.

Faz-se necessário então apresentar outra contribuição para as discussões sobre Sociologia Urbana, para tanto o sociólogo George Simmel (2005) em "as grandes cidades e a vida do espírito". Simmel analisa as relações que se dá no espaço urbano destacando que a modernidade mudou o ritmo da produção, das ruas, das cidades da vida.

⁹ MAGNANI, José Guilherme C. **Tribos Urbanas: Metáfora ou Categoria?** Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992, p. 11.

¹⁰ MAGNANI, José Guilherme C. **Tribos Urbanas: Metáfora ou Categoria?** Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992, p. 12

Nessa obra o autor menciona sobre as relações e oportunidades dos habitantes de uma cidade a qual oferece um campo tão variado de atividades de relações de comportamento, uma cidade é muito complexa nas palavras de Simmel.

CONTRIBUIÇÕES DA SOCIOLOGIA URBANA PARA ESTUDO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO CULTURAL

Compreender as características das sociedades capitalistas têm sido a preocupação da Sociologia desde a sua consolidação como ciência. A sociedade globalizada assumiu tamanha complexidade observada por meio de diversas faces. A Sociologia como disciplina poderá auxiliar nas discussões sobre desigualdade, violência, tribos urbanas, entre outros assuntos. Essa ciência tem por objetivo compreender e explicar as permanências e as transformações que ocorrem nas sociedades humanas e trabalhar de forma crítica por meio de textos, reportagens, imagens e vídeos as mudanças sociais contemporâneas.

As discussões sobre a temática Sociologia Urbana englobam vários assuntos tais como: emprego, desemprego, subemprego, violência, lazer, cultura, patrimônio histórico, meio ambiente, globalização, exclusão, preconceito, racismo, prostituição, drogas entre outros.

A partir do conhecimento adquirido pelo professor e das contribuições da Escola de Chicago e do método de pesquisa sobre a constituição das cidades com sua dinâmica de transformação, fica fácil planejar o assunto abordado na perspectiva da história dos patrimônios históricos.

Discutir preservação de prédios antigos diante da modernização das cidades torna-se polêmico e instigante. Algumas correntes defendem a preservação da memória e identidade da sociedade enquanto outra contesta defendendo que todo prédio antigo deverá ser derrubado em prol da modernização urbana.

Cabe aos educadores abordar com seus alunos desde a educação infantil até a educação de adultos a polêmica sobre modernização e preservação e como os segmentos da esfera pública e privada defendem o que deve ser modernizado e o que deve ser conservado.

Salles (2010), justifica a discordância entre correntes desenvolvimentistas e conservadoras.

A corrente progressista, uma nova forma de se pensar na cidade não mais através de um viés tradicional, mas a partir de definições de planos urbanos perfeitos valorizados por premissas de modernidade, procurava conceber cidades ordenadas sob a relação de soluções utilitárias e plásticas.

Essa concepção nos mostrou o caráter das construções de zonas urbanas bem definidas e homogêneas desses espaços que não levam em conta as diferenças das estruturas sociais.¹¹

A autora, quando descreve as práticas urbanísticas e preservação patrimonial no Brasil, faz uma discussão historiográfica e filosófica sobre o desenvolvimento das cidades aliado ao crescimento dos centros urbanos e os diversos problemas que o processo causa.

É nesse contexto que se destaca a Educação Patrimonial como uma possibilidade concreta de realização de um trabalho educativo que promova o desenvolvimento crítico do conhecimento e a valorização do patrimônio cultural por parte das comunidades. A Educação Patrimonial se coloca, assim, como um dos possíveis caminhos através dos quais podemos apostar no resgate e solidificação da consciência da identidade e da cidadania.

O trabalho com Educação Patrimonial pode ser entendido como:

Um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no Patrimônio Cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. A partir da experiência e do contato direto com as evidências e manifestações da cultura, em todos os seus múltiplos aspectos, sentidos e significados, o trabalho da Educação Patrimonial busca levar as crianças e adultos a um processo ativo de conhecimentos, apropriação e valorização de sua herança cultural, capacitando-os para um melhor usufruto destes bens, e propiciando a geração e a produção de novos conhecimentos, num processo contínuo de criação cultural.¹²

Sendo assim o Patrimônio cultural é a representação da memória coletiva e os bens que os integram, a materialização dessa memória, os elementos que constituem o Patrimônio cultural é testemunha da forma que uma sociedade e sua cultura se relacionam com seu ambiente.

Considerando o importante papel que as declarações internacionais desempenham em relação à preservação patrimonial torna-se importante destacar a proposta da Carta de Veneza Art. 1º presente na obra Cartas Patrimoniais (2000):

A noção de monumento histórico compreende a criação arquitetônica isolada, bem como o sítio urbano ou rural que dá testemunho de uma civilização particular, de uma evolução significativa ou de um acontecimento histórico. Estende-se não só às grandes criações, mas também às obras modestas, que tenham adquirido, com o tempo, uma significação cultural.¹³

¹¹ SALES, Ticiane Oliveira. **Práticas urbanísticas e preservação patrimonial no Brasil**. Revista Crítica Histórica. Ano I, Nº 2, Dezembro/2010, p. 04.

¹² HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia básico da educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999, p. 6.

¹³ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2000, p. 92.

Dentro desta perspectiva de utilização do Patrimônio Cultural como espaço de lazer, de intercâmbio cultural pode-se dizer que os locais detentores de recursos naturais, históricos e culturais, vêm sendo explorados por diversos tipos de atividades, necessitando assim de instrumentos que possibilitem o planejamento Sustentável nos municípios de maneira a não depredá-los.

Uma pedagogia da memória poderia utilizar muitos materiais históricos, unindo-os e combinando-os com outros numa abordagem significativa do passado. Ela seria um dos principais objetivos de uma nova prática de educação e se integraria numa pedagogia global da comunicação, da criatividade e da socialização em torno da qual o nosso sistema educacional deveria girar.

Conforme Citron (1990):

A reflexão sobre memória seria um dos principais objetivos da formação dos professores. Ela começaria no tronco comum e seria em seguida apoiada por um ensino especializado pluridisciplinado pelas aprendizagens práticas (trabalho de memória, leitura dos jornais e utilização dos meios de comunicação...) na formação permanente.¹⁴

Dessa forma nossas discussões circundam em torno de questões relacionadas com a possibilidade de se trabalhar os bens culturais do patrimônio histórico no processo de ensino-aprendizagem em diversas áreas do saber, a fim de estimular, nos alunos e na comunidade, o senso de preservação da memória social coletiva como condição indispensável de uma nova cidadania e identidade nacional plural.

Podemos considerar a Educação Patrimonial como instrumento de alfabetização cultural que desvela as condições da existência humana, captando-a a partir da nossa própria prática social. Constitui-se, na verdade, em um despertar, da aprendizagem para a liberdade. A dimensão política da educação patrimonial permite ao indivíduo fazer a leitura do mundo que o rodeia, levando-o à compreensão do universo sociocultural e da percepção da trajetória espaço-temporal em que está inserido.

Freire pontua:

Enquanto o ser que simplesmente vive não é capaz de refletir sobre si mesmo e saber-se vivendo no mundo, o sujeito existente reflete sobre sua vida, no domínio do mesmo da existência e se pergunta em torno de suas relações com o mundo. O domínio da existência é o domínio do trabalho, de cultura da história, dos valores, domínio em que os seres humanos experimentam a dialética entre determinação e liberdade.¹⁵

¹⁴ CITRON, Suzanne. **Ensinar a história hoje**: a memória perdida e reencontrada. Lisboa: Livros Horizonte, 1990, p. 131.

¹⁵ FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981, p. 53.

Nesse ponto de vista destaca-se que a preservação dos valores culturais caracteriza-se, crescentemente, como uma tendência da atualidade uma necessidade do sujeito em refletir sobre seu papel na sociedade. A valorização das coisas locais (identidade), em contraposição à globalização da economia e da comunicação, reveste de importância à manutenção de identidades específicas, que garantam às pessoas a referência do seu lugar. No Brasil, é crescente na sociedade a valorização e o entendimento do referencial do passado e da importância da preservação do patrimônio cultural ainda existente.

O texto de Sant'Anna (2003), sinaliza que "A concepção de cidade em diferentes matrizes teóricas das Ciências Sociais", oferece uma discussão que poderá ser utilizada como referencial na disciplina de Sociologia. A autora apresenta a concepção de pensadores clássicos como Weber, Marx e Durkheim quando fazem uma reflexão sobre as cidades enquanto espaço de disputas, de regras, de tipologias.

Para Marx e Engels a cidade configura-se como espaço da produção e reprodução do capital o qual gera a exploração do trabalhador, a luta de classes e a desigualdade social. Para esses pensadores as grandes cidades industriais expressam a miséria e a degradação dos trabalhadores.

Weber concebe a cidade como tipo ideal, explicando a origem e o desenvolvimento do capitalismo moderno e as relações estabelecidas na sociedade, assim a partir de seu estudo empírico encontra diferentes tipos de cidades com distintas aproximações do tipo ideal. Tanto Marx como Weber analisam a cidade como parte de uma totalidade.

Nesta análise Durkheim faz um outro caminho mostrando a cidade em um determinado território partindo da concepção de um recorte da sociedade.

O estudo destes clássicos que marcam o pensamento sobre a formação das cidades enquanto marcos teóricos distintos nos auxiliam para que compreendamos a preocupação da Sociologia na transposição de discussões sobre as mudanças ocorridas nas cidades nos últimos anos.

TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA

Neste trabalho, para que a finalidade da ação pedagógica pretendida fosse alcançada, foi realizado um planejamento da apresentação sobre o Patrimônio histórico de Ponta Grossa-PR ao grupo da Terceira Idade da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UATI-UEPG).

Tema da Oficina

Discussão sobre Patrimônio histórico material a partir da análise do texto de Carlos Fortuna “Para mudar o futuro da cidade”, e de Sant’Anna “A concepção de cidade em diferentes matrizes das Ciências Sociais”.

Objetivos

Competências e Habilidades

1. Compreender a temática Sociologia Urbana a partir da concepção de cidade do texto de Sant’Anna, Maria Josefinia Gabriel. “A concepção de cidade em diferentes matrizes teóricas das Ciências Sociais”;
2. Reconhecer no texto de Carlos Fortuna a relação moderno/antigo;
3. Expressar sua própria interpretação sobre ações e atitudes em relação à destruição e preservação de patrimônios históricos;
4. Refletir sobre a valorização da história local por meio da preservação dos prédios antigos.

Conteúdo programático

De acordo com as modificações culturais ocorridas no mundo contemporâneo alguns teóricos chegam a sinalizar que a fragmentação resultante da sociedade pós-moderna teria como desdobramento a cessação do reconhecimento dos direitos pelas próprias pessoas, bem como colocariam em dúvida a possibilidade de conquista de novos direitos. Esse quadro apontaria no horizonte, provavelmente, uma ameaça real e fundamental à cultura política democrática.

Desta maneira foram apresentados alguns conceitos sobre Sociologia Urbana e patrimônio cultural edificado relacionado à modernização e a necessidade da preservação de patrimônios como referencial da memória coletiva. Utilizamos neste momento a história oral, já que os participantes de maneira espontânea fizeram seus relatos sobre os espaços patrimoniais apresentados em slides.

Atualmente a história oral tem sido uma das formas mais cultivadas para se trabalhar com memória, pois se trata da narrativa do conjunto da experiência de vida de uma pessoa. A história oral já se constitui parte integrante do debate sobre a função do conhecimento histórico e atua em uma linha que questiona a tradição historiográfica centrada em documentos oficiais. Sem dúvida a história oral é hoje parte inerente dos debates sobre tendências da história contemporânea.

A história oral implica uma percepção do passado como algo que tem continuidade hoje e cujo processo histórico não está acabado. A presença do passado no presente imediato das pessoas é razão de ser da história oral. Nessa medida, a história oral não só oferece uma narrativa, mas, mais do que isso, garante sentido social à vida de depoentes e leitores que passam a entender a sequência histórica e a se sentirem parte do contexto em que vivem. (MEIHY, 1997, p. 10).

Esta opção por realizar um trabalho voltado para a história oral tem sua importância, pelo fato de que ela trabalha em áreas ligadas a depoimentos. O sujeito primordial deste tipo de história é o depoente, que tem maior liberdade para dissertar, o mais livremente possível, sobre sua experiência pessoal. Nesse caso, deve-se dar ao depoente espaço para que sua história seja encadeada segundo sua vontade.

Após apresentação dos slides e relatos das narrativas dos participantes foram apresentados os textos de Sant'Anna "A concepção de cidade em diferentes matrizes das Ciências Sociais", e o texto de Fortuna, Carlos. "Para mudar o futuro da cidade". Disponível em <http://www.ces.uc.pt/ac>. Acesso em 15/03/2015.

A urbanização e o constante crescimento desordenado no Brasil fazem com que reflitamos sobre os problemas sociais resultantes desse processo. Com essa urbanização há uma descaracterização dos patrimônios históricos urbanos fazendo com que os sujeitos percam o sentido de pertencimento ao espaço em que vivem. Nesta perspectiva de conciliar o moderno com o antigo é que se propôs a exposição didática da oficina.

METODOLOGIA

Apresentação 1

No primeiro momento foi apresentado uma imagem comparativa de um centro urbano moderno e de um centro urbano histórico.

Foi instigada a participação dos alunos na reflexão sobre as mudanças urbanas e a necessidade de preservar o patrimônio de maneira consciente. Destacamos que o moderno e o antigo (histórico) podem conviver em harmonia no espaço urbano.

Foram trabalhados conceitos de Sociologia Urbana e Patrimônio histórico cultural. Fez parte deste momento o texto: Sant'Anna "A concepção de cidade em diferentes matrizes das Ciências Sociais".

Apresentação 2

Apresentar o texto de Fortuna, Carlos. “Para mudar o futuro da cidade”. Pontuar que preservar é questão de cidadania.

Foram apresentados slides sobre patrimônios históricos restaurados e pichados na cidade de Ponta Grossa - PR.

Na sequência apresentamos para reflexão charge nº 1 de Angeli sobre Patrimônio histórico e a charge de nº 2, pontuando sobre patrimônio público, privado e histórico e sua relação com as políticas públicas.



Fonte : <http://www2.uol.com.br/angeli/chargeangeli/i/chargeangeli265.gif>



Fonte: http://dukechargista.com.br/wp-content/gallery/charges-duke-2013_junho/thumbs/thumbs_charge-duke-2013-06-59.jpg

Nas charges 1 e 2, ao lado do problema do trânsito, há outros problemas. Quais seriam eles?

Os alunos realizaram uma exposição oral interpretando as charges, relacionando-as ao contexto do desenvolvimento sem planejamento e da falta de educação patrimonial.

JUSTIFICATIVA PARA AS ESCOLHAS PEDAGÓGICAS (TEMA ESPECÍFICO, METODOLOGIA, MATERIAIS)

Os textos de Carlos Fortuna “Para mudar o futuro da cidade”, e de Sant’Anna “A concepção de cidade em diferentes matrizes das Ciências Sociais”, foram apresentados aos participantes (alunos), da terceira idade no decorrer de duas horas e meia.

Discutir as mudanças e permanências, os costumes, os grupos urbanos, a violência, o racismo, o patrimônio cultural, o lazer, e outros temas presentes no dia a dia da cidade tornam-se fundamental para o entendimento do sujeito enquanto transformador da sociedade.

Após a discussão de textos e realização das atividades propostas nas etapas aqui apresentadas foi solicitado aos alunos que produzissem um texto sobre algum problema de descaso com o patrimônio histórico presente na sua vila/bairro os materiais produzidos foram recolhidos para registro. Quando pensamos o urbanismo na concepção da Sociologia nos remetemos as discussões teóricas com visões muitas vezes diferenciadas sobre o desenvolvimento das cidades de maneira organizada ou desordenada do espaço. Cada cidade carrega suas características seus valores seus costumes e suas representações.

A teoria poderá, por meio da (objetivação) aproximar a concepção do sujeito aluno (subjetividade) em relação as mudanças ocorridas nas cidades. As conjunturas estruturantes de desenvolvimento urbano, quer modernizando, quer preservando, podem estar articuladas e partilharem da ideia de desenvolvimento sem destruição.

A aplicação deste conteúdo trouxe ao aluno uma reflexão sobre a necessidade de preservação dos patrimônios urbanos, propondo o respeito a sua arquitetura, evitando, assim pichações e ridicularizações como se fossem velhos ou empecilhos ao desenvolvimento moderno. O moderno e o antigo podem conviver em harmonia, as cidades precisam preservar sua identidade e podem fazer isso por meio da preservação de seus prédios históricos.

De acordo com Giovannoni (1931, apud CHOAY, 2001), os centros e os bairros antigos só poderão ser conservados e integrados à vida contemporânea se sua nova destinação for compatível com sua morfologia e com suas dimensões.

Considerando a perspectiva da preservação de centros e bairros antigos destaca-se que os prédios poderão ter uma função social para a comunidade e que desta maneira poderá ser evitada a degradação do patrimônio urbano antigo.

Os patrimônios históricos são recursos pedagógicos e artísticos com valores cognitivos e que oferecem uma reflexão sobre a urbanização atual ou reurbanização, termo este criado na década de 1970 para definir a metamorfose da paisagem rural e compreender a dinâmica de aceleração de crescimento das cidades.

Pesquisar memórias para construir história requer a instauração de um novo tipo de relação com o passado, a partir de novos pressupostos e procedimentos. A história não pode se apoiar somente em documentos, ela deverá ser construída a partir de outras fontes.

A memória oral, longe da unilateralidade para a qual tendem certas instituições, faz intervir pontos de vista contraditórios, pelo menos distintos entre eles, e aí se encontra a sua maior riqueza. Ela não pode atingir uma teoria da história nem pretender tal fato: ela ilustra o que chamamos hoje a História das Mentalidades, a História das Sensibilidades.¹⁶

Muito mais que outras fontes o depoimento oral necessita de sistematização e interpretação. A memória é um trabalho sobre o tempo vivido conotado pela cultura e pelo indivíduo. Vovelle (1991), afirma que não há métodos fáceis para se constituir uma cultura popular: ela é uma história tecida de silêncios uma vez que pertenceram sempre as classes dominadas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As Universidades Abertas para Terceira idade objetivam propiciar qualidade de vida e um envelhecimento ativo e independente para uma população idosa que se torna cada vez mais numerosa, oferecendo programas culturais, sociais e educativos dentro de uma vasta diversidade.

As instituições dirigem seus objetivos para autoestima e integração social do idoso que torna-se atuante e com autonomia própria. Foi nesse cenário de trocas de histórias que inserimos como estudo a UATI-UEPG, como local de encontro de construção do saber e de socialização rica em relatos, lembranças e memória.

Para se rememorar a história dos patrimônios edificados presentes na cidade faz-se necessário utilizar como recurso a história oral de vida. Os relatos poderão ser espontâneos de vivências pessoais, essas vivências envolvem elementos de caráter social, familiar, político, cultural, grupal e individual.

¹⁶ BOSI, Ecléa. **O tempo vivo na memória ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003, p. 15.

Le Goff contribui com essas memórias descritas afirmando que a memória tem a “propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas”¹⁷

O estudo da memória abrange diversas áreas do conhecimento, psicologia, sociologia, história, antropologia, literatura que a partir de seus métodos próprios abordam a memória como instrumento de pesquisa para descrição de um objeto ou conjunto dos mesmos.

A narrativa dos depoentes constitui-se como material rico para reconstrução da memória pois toda memória tem uma história que pode ser lembrada individualmente ou coletivamente sobre um determinado assunto ou um conjunto de assuntos ligados a educação, cultura, política, religião entre outras temáticas. As narrativas tem como ponto de partida experiências vividas no passado e são contadas e lembradas a partir do presente.

A presente atividade de Oficina que resultou em um conjunto de Memórias teve como objetivo valorizar as experiências das pessoas mais velhas registrando em material escrito.

O estudo das cidades e dos espaços urbanos tem atraído a atenção de sociólogos por se tratar de um espaço de contradições de exclusões de trocas simbólicas de diversidade.

As teorias sobre urbanismo defendidas pela Escola de Chicago são contribuições para o entendimento da Sociologia Urbana e o foco nos patrimônios edificados que sofreram modificações ou foram preservados. Os ambientes urbanos representam manifestações simbólicas de forças sociais coletivas.

O urbanismo deve promover o desenvolvimento sem destruição dos prédios históricos. A preservação dos bens patrimoniais torna-se uma maneira de buscar a preservação da memória e fortalecer a identidade da comunidade.

A urbanização sem planejamento tem contribuído para esquecimento do sujeito social de suas raízes de sua história fortalecendo o senso de destruição de depredação dos patrimônios históricos. O crescimento desordenado implicou em profunda descaracterização do patrimônio tidos como bem comum.

Essas reflexões nos faz pensar sobre nosso papel como cidadão responsável e qual nossa contribuição para preservação da memória presente nos patrimônios históricos. As cidades são espaços onde se produzem identidades, sentimentos, símbolos, cultura, sentido de pertencimento.

¹⁷ LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990, p. 419.

Esta proposta de estudo pautada na Sociologia Urbana e na preservação do patrimônio histórico vem ao encontro das transformações que as cidades vêm passando com construções modernas e muitas vezes exóticas o que por sua vez descaracteriza os patrimônios edificados.

Desta maneira após essa discussão os participantes da oficina puderam perceber que preservar o patrimônio não significa frear a modernização das cidades mas pelo contrário os dois podem caminhar juntos “modernização/preservação”. Os centros urbanos modernos podem ser revisitados por nós como lugar de história de memória de cultura de trocas sociais de consensos e conflitos. Perceberam ainda que patrimônio e urbanismo se fazem por meio de Políticas Públicas de planejamento ordenado.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BECKER, Howard. **A Escola de Chicago**. Rio de Janeiro, Mana, vol. 2, nº. 2, out. 1996.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo na memória ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

_____. **Velhos amigos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

CALVINO, Ítalo. **As cidades invisíveis**. Trad. Diogo Mainardi. São Paulo: Cia das Letras, 1990.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Estação Liberdade: Editora UNESP, 2001.

CITRON, Suzanne. **Ensinar a história hoje: a memória perdida e reencontrada**. Lisboa: Livros Horizonte, 1990.

CORREA, Filipe S. **Favelas sem cidade: uma experiência global de superurbanização precária nos limites da condição humana**. Disponível em: <http://www.observatoriodasmegacidades.net>. Acesso em: 20/08/2015.

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade e outros escritos**. 5ª Ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1981.

FORTUNA, Carlos. **Para mudar o futuro da cidade**. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/ac>. Acesso em 20/09/2015.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2005.

HERCULANO, Selena. **O planeta favela**. Disponível em www.interfacehs.sp.senac.br. Acesso em 20/09/2013.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **Guia básico da educação patrimonial**. Brasília: IPHAN, Museu Imperial, 1999.

Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Brasil). **Cartas Patrimoniais**. 2ª ed. Rio de Janeiro, 2000.

KLINTOWITZ, Danielle. **Cidade ou favela?** Disponível em <http://periodicos.puc-campinas.edu.br>. Acesso em 20/09/2015.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2001.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

MAGNANI, José Guilherme C. **Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole** In: Na Metrópole - Textos de Antropologia Urbana. EDUSP, São Paulo, 1996.

MAGNANI, José Guilherme C. **Tribos Urbanas: Metáfora ou Categoria?** Cadernos de Campo - Revista dos alunos de pós-graduação em Antropologia. Departamento de Antropologia, FFLCH/USP, São Paulo, ano 2, nº 2, 1992.

MEIHY, José Carlos S. Bom. **Manual de História Oral**. São Paulo: Loyola, 1997.

MENDOZA, Edgar S. G. **Donald Pierson e a escola sociológica de Chicago no Brasil: os estudos urbanos na cidade de São Paulo (1935-1950)**. Porto Alegre, Sociologias, ano 7, n. 14, jun-dez 2005, p. 440-470.

PINEZI, Ana Keila M.; VALENTIN, Fernando F. **Indivíduo e Sociedade no Pensamento Social da Escola de Chicago**. Disponível em: <http://www.aninter.com.br>. Acesso em 20/03/2015.

SALES, Ticiane Oliveira. **Práticas urbanísticas e preservação patrimonial no Brasil**. Revista Crítica Histórica. Ano I, Nº 2, Dezembro/2010.

SILVA, Angelo Magalhães. **Espaço urbano e governabilidade: notas sobre a cidade e a metrópole**. UFRN, Revista Vivência, n. 34, 2009, p. 63-71.

TONUCCI, João. **Henri Lefebvre e a atualidade urgente do Direito à Cidade**. Disponível em <http://olhorua.wordpress.com>. Acesso em 20/09/2013.

VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo, Brasiliense, 1991.

Trabalho enviado em 16 de junho de 2015.

Aceito em 07 de agosto de 2015.